

ARTHUR VERSLUIS

A HISTÓRIA SECRETA DO
**MISTICISMO
SEXUAL**
DO OCIDENTE

PRÁTICAS SAGRADAS E
CASAMENTO ESPIRITUAL



MADRAS®

ARTHUR VERSLUIS

A HISTÓRIA SECRETA DO
MISTICISMO SEXUAL
DO OCIDENTE

*Práticas Sagradas e
Casamento Espiritual*

TRADUÇÃO:
EDUARDO KRASZCZUK



MADRAS®

ÍNDICE

Introdução	7
1. Os Mistérios Sexuais Antigos.....	17
O que eram os mistérios?	19
Os significados interiores dos mistérios dionisíacos.....	24
<i>Hieros gamos</i> : casamento com a divindade	30
Algumas conclusões sobre os mistérios antigos.....	33
2. Misticismo Sexual no Começo do Cristianismo.....	41
Anarquistas místicos.....	44
Afrodite Pandêmia e a comunhão sexual mística.....	47
Valentim e o mistério da câmara nupcial.....	51
Os mistérios gnósticos.....	53
Conclusões.....	58
3. Mistérios Heréticos	60
Linhas de transmissão	61
O segundo batismo secreto.....	63
A heresia catariana	68
Os Irmãos do Espírito Livre	70
Conclusões.....	74
4. A Redescoberta do Misticismo Sexual Cristão.....	76
Alquimia e sexualidade	81
Misticismo teosófico cristão.....	85
Alquimia interior de John Pardage.....	92
O Círculo Buttlar.....	97
Um judeu do século XVIII – ligação cristã.....	102
Tradições inglesas secretas do misticismo sexual no século XIX	105
William Blake e amigos	108

5. Misticismo Sexual Americano	112
Thomas Lake Harris	115
Alice Bunker Stockham.....	126
6. Eros na Nova Era	132
A poetisa H. D.	134
Denis de Rougemont e <i>Love in the Western World</i>	137
Alan Watts.....	140
7. Os Segredos do Misticismo Sexual.....	146
1. Natureza e magia	148
2. Igualitarismo, casamento espiritual e hierarquia espiritual.....	150
3. Ensinaamentos secretos e gnose.....	152
4. Realização do transcendente	155
Bibliografia.....	159
Índice Remessivo	164

INTRODUÇÃO

Muito poucas pessoas sabem que existem tradições antigas de misticismo sexual no Ocidente. Durante os últimos 25 anos do século XX, muitos povos no Ocidente tomaram conhecimento das formas hindus e budistas do tantra, mas, como Hugh Urban e outros acadêmicos na área mostraram, tradições tântricas muitas vezes foram distorcidas no processo de transmissão ou transferência para o Ocidente moderno, onde foram frequentemente transformadas em mercadoria e trivializadas. Isso nunca aconteceu com as tradições ocidentais esotéricas de misticismo sexual, antes de tudo por elas serem inteiramente desconhecidas. Este é o primeiro livro a delinear a existência dessas tradições, e nas páginas a seguir descreverei pela primeira vez em forma impressa a história oculta e a natureza do misticismo sexual no Ocidente.

É claro, devemos começar explicando o que queremos dizer por *misticismo sexual*. Afinal, o próprio termo *misticismo* é ambíguo, para alguns até sinônimo de *tolice*. A palavra *místico* deriva da expressão grega *mustein*, que significa “silencioso” ou “lábios fechados” e tem a mesma origem da palavra *mistério*. As palavras *misticismo* e *mistério* estão associadas às antigas tradições dos mistérios gregos (revelatórios e iniciatórios), que, como veremos, certamente tinham dimensões sexuais. Até onde podemos rastreá-la, a palavra *misticismo* se refere a tradições religiosas que nos apontam para a transcendência indescritível da divisão aparente entre sujeito e objeto, entre o si mesmo e o outro, e para a realização do divino.

Quando examinamos a Antiguidade greco-romana, vemos que as tradições misteriosas quase sempre tinham dimensões sexuais, e há um bom motivo para isso. As tradições misteriosas, sejam elas báquicas, dionisíacas, eleusinas ou órficas estavam intimamente ligadas aos ciclos cósmicos, em particular aos ciclos da agricultura e da fertilidade humana. De fato, as formas mais antigas das tradições misteriosas, inclusive durante o período helenístico, eram o domínio das

mulheres. Apenas mais tarde se permitiu que os homens se tornassem sacerdotes em muitas das tradições, e as orgias (celebrações orgásticas) aconteciam sob os auspícios de mulheres. O que vemos nessas tradições antigas tem pouca relação com o estereótipo tradicional da feminilidade como recatada, coquete ou passiva. As mulheres descritas em algumas das antigas tradições misteriosas parecem, aos nossos olhos (e aos de alguns de seus contemporâneos), enlouquecidas, selvagens e perigosas, mas essa selvageria autêntica expressa uma dimensão da própria natureza que nós, modernos, raramente reconhecemos.

Discutiremos os mistérios greco-romanos com muito mais detalhes em breve, mas é importante notar aqui a profunda conexão entre a natureza e as tradições misteriosas durante todo o período da Antiguidade e Antiguidade tardia. Os ritos dionisíacos e os bacanais aconteciam a céu aberto, muitas vezes à noite. E embora os ritos estivessem associados à fertilidade da natureza, essa não era sua única dimensão. Os mistérios envolviam contato direto com as forças transcendentais do Cosmos, que, embora expressas no mundo natural, têm suas origens na divindade pagã. Há nas tradições misteriosas uma ferocidade e uma dissolução da civilização que são muito importantes para entender tanto seu poder quanto seus perigos.

Quando nos voltamos para o advento do Cristianismo dentro do declínio do mundo pagão, vemos algo muito diferente e, sob muitos aspectos, novo. Há realmente uma mudança de eras representada pela mudança dos mistérios antigos para os mistérios do Cristianismo. Na Antiguidade greco-romana existiram os estoicos e outras tradições ascéticas ou semiascéticas, mas ocorreu uma mudança muito real e profunda na transição das tradições orgásticas da Antiguidade para o asceticismo extremo do Cristianismo, como simbolizado pelos padres do deserto. Considere por um lado os participantes dos bacanais da Antiguidade e, pelo outro, a autocastração de Orígenes. Parece que estamos observando uma mudança de um extremo para o outro. Reconhecidamente, também havia tradições misteriosas que envolviam emasculação, mas estas destacavam a primazia dos poderes femininos, enquanto Orígenes representa aqueles que são “eunucos para o paraíso”.¹ Neste, como em muitos outros aspectos, até mesmo

1. Consulte Mateus, 19:12.

as aparentes similaridades entre as duas tradições mais amplas revelam ser na verdade diferenças.

E mesmo assim, há um tipo notável de continuidade em um aspecto. Embora quase nunca discutido, exceto nas obras de especialistas, o Cristianismo primitivo também tinha uma dimensão sexual. Como veremos, não devemos simplesmente colocar de um lado as tradições orgásticas do mundo greco-romano e do outro o asceticismo cristão. O Cristianismo não é, afinal, um movimento ou seita único, mas toda uma série de fenômenos que emergiram durante a Antiguidade tardia e que incluiu uma gama de possibilidades, desde o ascetismo até a licenciosidade. E mesmo dentro do que mais tarde seria conhecido como Cristianismo ortodoxo existiu uma tradição misteriosa de *subintroductae*, na qual homens e mulheres viviam e dormiam juntos, mas sem ejaculação masculina. Existiu assim desde muito cedo uma tradição cristã – mencionada pelo próprio Paulo – de misticismo sexual: ou seja, de usar a tensão e energia sexual, mas para alcançar transcendência espiritual.

Existe, é claro, muito mais a discutir nas tradições cristãs da Antiguidade tardia. Não se pode considerar o Cristianismo como uma entidade única, mas sim como um conglomerado de correntes diversas de pensamento e prática, que vemos exemplificadas nos evangelhos apócrifos e nas distintas tradições e compêndios gnósticos. De fato, pode-se argumentar razoavelmente que as tradições orgásticas “pagãs” não desapareceram, mas sim foram incorporadas em várias formas de Cristianismo, às vezes chamadas gnósticas. Porém, mesmo aqui existia uma distinção real em relação às tradições cosmológicas anteriores da Antiguidade. O Cristianismo acrescentou a *gnose*, uma dimensão metafísica ou transcendente, que mudou tudo. Em sentido muito profundo, o Cristianismo “não era deste mundo”, e vemos isso não só no Novo Testamento, mas também no que resta dos vários textos gnósticos.

O que vemos na Biblioteca de Nag Hammadi e outros fragmentos de textos gnósticos reais é a ideia de que o mundo material é um mundo de sofrimento e ignorância. Essa é uma revisão profunda da celebração pagã mais antiga da natureza e reflete uma ideia gnóstica e, mais amplamente, cristã, de que Cristo representou algo novo e

irrevogável: a aparição da graça divina neste mundo humano conturbado e a transcendência para além dele. Docético ou não, o Cristo gnóstico representa uma revelação divina nova e resplandecente. Enquanto no mundo pagão a transcendência devia ser encontrada na Natureza, no novo mundo gnóstico ela era separada e estava além da Natureza.

A revelação cristã estava focada, muito mais do que suas predecessoras pagãs, na esfera humana. O fato de Cristo ter assumido a forma humana é essencial para o Cristianismo. Contudo, também é essencial para o Cristianismo o além, o transcendente, o milenar e o celestial. Essas duas tendências ofereciam a possibilidade de incorporar dimensões sexuais ao caminho cristão, e é isso que vemos no começo do Cristianismo, tanto no gnosticismo quanto no que viria a ser chamado de Cristianismo ortodoxo. Muitos sacerdotes e bispos viviam com mulheres, e parecia possível, pelo menos no começo, que o Cristianismo pudesse representar não só uma rejeição ascética dos excessos pagãos, mas também papéis inteiramente novos para homens e mulheres, tirando proveito, incorporando e transcendendo a sexualidade para restaurar a humanidade à completez paradisiaca.

Entretanto, esse novo modelo não duraria. Ao longo de vários séculos, uma forma historicista e ascética do Cristianismo – representada por figuras como Agostinho de Hipona – tornou-se dominante, e outros tipos de Cristianismo desapareceram ou tornaram-se clandestinos. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, o Cristianismo gnóstico oferecia um modelo pluralista não muito diferente do que vemos no Budismo. De fato, há evidências significativas de polinização cruzada entre o Budismo e o gnosticismo, bem como entre a Grécia e as civilizações asiáticas. É possível ver isso claramente no desenvolvimento da arte budista, que revela forte influência grega, e existem paralelos reais entre o Budismo e outros textos e figuras gnósticas. O gnosticismo representa o que o Cristianismo poderia ter sido se tivesse seguido um caminho mais próximo daquele do Budismo.

Mas desde sua concepção, ao contrário do Cristianismo, o Budismo enfatizou a prática e o despertar espirituais pelo esforço pessoal. Sidarta Gautama realizou práticas privadas, especialmente

meditação, e alcançou a iluminação como resultado. Em contraste, o Cristianismo – mesmo suas linhas gnósticas – tendia a enfatizar a graça divina e a revelação vinda de fora, por meio de Cristo. Além disso, conforme a tendência historicista e “ortodoxa” dentro do Cristianismo foi se tornando mais dominante, especialmente no Ocidente latino, a ênfase em práticas espirituais individuais diminuiu. Apenas certas práticas eram aceitas, e estas tendiam a ser voltadas para o exterior, focadas em orar a Deus, concebido como um ser externo e divino. Assim, enquanto o Budismo se desenvolveu em um modelo pluralista que incluía vasta gama de práticas internas e tradições aceitas, o Cristianismo ocidental tendeu a uma única perspectiva historicista. No século XIII, ele havia desenvolvido até mesmo a instituição formal da Inquisição para impor essa perspectiva latina única, condenando até mesmo o maior místico do Cristianismo, Mestre Eckhart.

Entretanto, dito tudo isso, deve-se reconhecer que o Cristianismo nunca foi uma tradição monolítica. O que eu delineei até aqui são apenas tendências. As tradições pagãs também não desapareceram totalmente, como se alguém tivesse desligado uma lâmpada. A História não funciona assim. Em vez disso, as tradições pagãs alimentaram as correntes do Cristianismo no norte e sul da Europa, como na Rússia e Inglaterra, muitas vezes de formas clandestinas. Além disso, as várias correntes do Cristianismo – incluindo as correntes gnósticas – não desapareceram inteiramente, mas também se tornaram clandestinas ou foram transmitidas pelo Judaísmo, Islã ou outras tradições, apenas para, mais tarde, retornar ao Cristianismo. E, acima de tudo, o Cristianismo ocidental incluía toda uma série de tradições religiosas “heréticas” recorrentes que continuavam ressurgindo. Porém, a mais importante dessas recorrências foi durante a era moderna.

Não se trata tanto de traçar uma linhagem oculta contínua no Ocidente, mas sim de descobrir onde uma dada tradição emergiu e se tornou visível e quando ela mais ou menos desapareceu. Enquanto as tradições religiosas asiáticas e islâmicas são em grande parte contínuas – é possível traçar linhas de professores e alunos uma geração após a outra –, as tradições esotéricas ocidentais demonstram o que

eu chamo de “continuidade anistórica”.² Com isso quero dizer que é possível encontrar linhas tanto diretas quanto indiretas de influência histórica e até mesmo transmissão, em parte porque os adeptos citam seus próprios predecessores e se inserem em uma linhagem em particular. Mesmo assim, essas linhas de continuidade – podemos chamá-las de linhas iniciatórias – não são necessariamente históricas. Pode se passar um século, e então se encontra um aluno de Jakob Böhme, depois uma escola, depois uma lacuna, depois outra pessoa, e assim por diante.

Como discuti em meu livro *Restoring Paradise*, as tradições esotéricas ocidentais são transmitidas principalmente por meio de publicações ou manuscritos – ou seja, pela palavra escrita e por imagens. Isso significa que certa possibilidade espiritual ou até mesmo linha iniciatória pode permanecer adormecida nos meandros de uma obra em particular por séculos, ou até milênios, só para reaparecer em uma nova era quando as condições estão maduras para sua restauração e redespertar. Portanto, embora seja verdade que o gnosticismo “morreu” na Antiguidade tardia, também é verdade que ele, como gama de possibilidades espirituais dentro do Cristianismo, permaneceu latente até ser periodicamente redescoberto de uma forma ou outra, seja por “hereges” medievais ou por estudiosos modernos. Apesar (ou talvez por causa) da ênfase historicista do Cristianismo ocidental “ortodoxo” e sua duradoura ambivalência ou hostilidade para com o misticismo, as tradições ocidentais não dependem da transmissão histórica de mestre para discípulo tanto quanto de uma continuidade anistórica que depende de reconhecer e redespertar o que é transmitido implicitamente nas tradições esotéricas escritas e orais que começaram e são exemplificadas pelas parábolas de Jesus. As parábolas são, afinal, os *koans* tradicionais do Cristianismo.

Por isso não deve surpreender que, no começo da era moderna, todo um novo conjunto de tradições cristãs tenha emergido depois daquele grande gênio espiritual, Jakob Böhme (1575-1624). Ao longo dos séculos XVIII e XIX, vemos a emergência de tradições

2. Consulte meu livro *Theosophia: Hidden Dimensions of Christianity* (Hudson, NY: Lindisfarne, 1994), no qual propus pela primeira vez a ideia de uma continuidade anistórica. Desenvolvi a ideia em *Restoring Paradise: Western Esotericism, Art, Literature, and Consciousness* (Albany: Suny Press, 2004).

religiosas esotéricas (chamadas em linhas gerais de *teosóficas* e *pan-sóficas*) que restauraram ao Cristianismo uma ênfase no despertar espiritual interior, e que também enfatizavam uma cosmologia que, em contraste total com o racionalismo científico, tinha como base o reconhecimento de qualidades espirituais e significados ocultos em toda a Natureza. Com o advento da teosofia cristã – mesmo quando o Ocidente em geral tendia para o reducionismo científico por um lado e para o reducionismo fideísta pelo outro – vemos o ressurgimento inesperado de uma tradição esotérica cristã que restaura magistralmente a metafísica e a cosmologia. De repente, existe um novo tipo de gnose cristã para a era moderna.

A teosofia cristã primitiva não incluía nenhum misticismo sexual evidente – embora se encontre sugestões disso na obra de John Pordage (1608-1681) –, mas mesmo enquanto a Revolução Industrial se desenvolvia no século XIX, também vemos na Inglaterra e nos Estados Unidos a emergência de misticismos sexuais em círculos esotéricos (influenciados pela teosofia cristã). O século XIX é o período em que o misticismo sexual reemerge na consciência mais ampla do Ocidente, como vemos não só em figuras como as do poeta e artista William Blake, mas também em comunidades utópicas americanas como *Oneida*, sob direção de John Humphrey Noyes (1811-1886), e *Fountain Grove*, sob direção de Thomas Lake Harris (1823-1906). Outra figura importante durante o que podemos chamar de renascença do misticismo sexual é Alice Bunker Stockham (1833-1912). De repente, como se vindos de lugar nenhum, podem-se encontrar praticantes e defensores do misticismo sexual no Ocidente.

A essa altura, torna-se necessário distinguir entre misticismo sexual e magia sexual. Isso porque durante os séculos XIX e XX também emergiram diversas correntes de magia sexual, a maioria delas começando com Paschal Beverly Randolph (1825-1875). O próprio Randolph havia atravessado o Atlântico, e as correntes das tradições sexuais mágicas transferiram-se da Europa e Inglaterra para a América do Norte e de volta.³ Muito ainda pode ser escrito sobre as tradições sexuais mágicas dos séculos XIX e XX. Contudo,

3. URBAN, Hugh. *Magia Sexualis*. Berkley: University of California Press, 2006.